

da nossa história literária. Coube a Manuel Rodrigues Lapa a honra de decifrar definitivamente o mistério, aprofundando e alargando as anteriores investigações de distintos críticos brasileiros, como Afonso Arinos de Melo Franco, Afonso Pena Júnior e Manuel Bandeira. Pelo lado português, João de Castro Osório orientava as suas perquirições no sentido que os estudos do Prof. Lapa haviam de confirmar. Até então 7 candidatos tinham sido propostos à autoria das *Cartas*: Tomás António Gonzaga (v.), Francisco Gregório Pires Monteiro Bandeira, Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto, Luís Beltrão de Gouveia, Joaquim António Gonzaga e António Dinis da Cruz e Silva (v.). Embora o primeiro em fila agregasse o maior número de votos, o debate continuava em aberto, até ao dia em que Rodrigues Lapa provou que as *Cartas* (com um montante de 3.964 versos) são, de facto, de Tomás António Gonzaga, ao passo que a *Epístola* (com 208 versos) se deve à pena do poeta brasileiro Cláudio Manuel da Costa (v.), atribuição esta aceita e inteiramente compartilhada por Afonso Pena Júnior. Na solução de tão delicado problema combinou Rodrigues Lapa o método histórico, firmado em abundante documentação, com o método da análise estilística dos textos, o qual só por si reputa insuficiente. Ficou assim amplamente esclarecido que o criptónimo Critilo, respigado numa das personagens do *Criticón* de Baltazar Gracián, encobre o próprio Tomás António Gonzaga, que dirige as suas epístolas ao amigo Cláudio Manuel da Costa, Glouceste Saturnio de seu nome arcádico, o qual apresenta nelas sob dupla viseira: Doroteu e Alcimedonte (ou Altimidonte). A identidade de outras personagens secundárias, protegidos e asseclas de Luís da Cunha Meneses, a que há referências no poema, também foi hábilmente desvelada.

As *Cartas Chilenas* são uma sátira de estilo variado e incisivo, onde se manifesta a observação muito fresca e directa do autor da *Marília de Dirceu*. O verso tem aqui grande maleabilidade rítmica e a linguagem liberta-se das convenções classicizantes, misturando-se de expressões e modismos populares, que incorporam até o termo chulo de efeito cómico certo. Daí provém a força e a mordacidade, a graça e o chiste, que fazem desta sátira admirável uma obra única na nossa poesia

setecentista e a colocam a um nível bem superior ao do *Hissope* de Cruz e Silva.

L. S. R.

*Bibl.*: Ed. das *Cartas* por Afonso Arinos de M. F., Rio, 1940; Manuel Bandeira, «A autoria das *Cartas Chilenas*», in *Rev. do Brasil*, 3.ª fase, Ano III, n.º 22, pp. 1-25 (Abril de 1940); Castro Osório, *G. e a Justiça*, Lisboa, 1950; *A Literatura no Brasil*, dir. de Afrânio Coutinho, vol. I, t. I, Rio, 1955, pp. 506-518; M. Rodrigues Lapa, As «*Cartas Chilenas*» — *Um problema histórico e filológico*, com pref. de Afonso Pena Júnior, Rio, 1958; António Cândido, *Formação da Literatura Brasileira*, vol. I, São Paulo, 1964, pp. 167-174.

**Carvalho, Álvaro do** (1844-1868). Os seus *Contos* (Coimbra, 1868) utilizam ingredientes fortes, eróticos e macabros. Em estilo inadequado, aprendido em Filinto, documentam com toska ingenuidade um espírito doente, revoltado, que se desforra pela imaginação febril e pelo cinismo brutal, sob o influxo de Hoffmann, já patente nos *Contos fantásticos* (1865) de Teófilo Braga. Recentemente, José Régio chamou a atenção para a esquecida personalidade de A. do C., marcada pela «paixão do literário e do artificial». *V. Terror (Literatura de)*.

J. P. C.

*Bibl.*: José Régio, «Sobre o estilo de A. do C.», in *O Primeiro de Janeiro* de 27-11-1968.

**Carvalho, António Lobo de. V.** *Sátira. Época Moderna* NA LITERATURA PORTUGUESA e *Zamperineida*.

**Carvalho, Joaquim de** (1892-1958). Professor da Faculdade de Letras de Coimbra, exerceu fecundo magistério no domínio da história das ideias filosóficas, em especial na sua repercussão na cultura nacional. Neste sentido publicou valiosos livros e ensaios tendentes à integração dos pensadores portugueses no concerto europeu da meditação especulativa. São de citar pelo seu alto valor: *António de Gouveia e o aristotelismo na Renascença* (1916); *A Teoria da Verdade e do Erro nas «Disputationes Metaphysicae» de Francisco Suarez* (1917); *Leão Hebreu filósofo* (1918); *Estudos sobre as leituras filosóficas de Camões*; *Fr. Heitor Pinto e Fr. Luís de León*; *Uma epístola de Nicolau Clenardo a Fernando Colombo*; *Dois inéditos de Abraham*



JOAQUIM DE CARVALHO

*Zacuto*; *A livraria dum letrado do Século XVI*; *Espinosa perante a consciência portuguesa contemporânea*; *Sobre o lugar de origem dos antepassados de Baruch Espinosa*; *Descartes e a cultura filosófica portuguesa*, etc. Foi também administrador da Imprensa da Universidade, que orientou no sentido da edição de obras portuguesas inéditas ou esgotadas, e dirigiu a publicação da Biblioteca de Filósofos e Moralistas e ainda a valiosa colecção «Inedita ac Rediviva». A maior parte dos seus ensaios foram compilados e publicados nos «Acta Universitatis Conimbrigensis»: *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV* (1949), *do século XVI* (2 vols., 1947 e 48) e *do século XIX (Antheriana)* (1955). A influência de J. de C. na cultura portuguesa foi vasta e profunda e testemunha a sua riqueza de informação e capacidade crítica de notável subtilidade. *V. Filosofia. Em Portugal. Séculos XIX e XX e Historiografia Moderna. Em Portugal*.

D. S.

*Bibl.*: J. de C. no Brasil. Juízos e depoimentos, Coimbra, 1958; estudos de Cruz Malpique, António Ferrão, Alain Guy e Barahona Fernandes in *Miscelânea de Estudos a J. de C.* (respectivamente nos ns. 2, 1959, 3 e 4, 1960, e 9, 1963).

**Carvalho, JOAQUIM JOSÉ Coelho de. V.** *Traduções. DE LITERATURAS MODERNAS. EM PORTUGAL.*